

A carta na

Leandro Mazzini

Se Lula chamar, Sérgio Cabral vai balançar. A frase enigmática foi dita em fevereiro por uma pessoa muito próxima ao governador do Rio. O sonho de ser presidente da República está nas metas de longo (ou curto) prazo de Cabral. E se persistir, daqui a quatro anos, a indefinição sobre um candidato do PT, Sérgio Cabral (PMDB) pode ser a chave para o sucesso de Luiz Inácio Lula da Silva, quando o presidente da República pretende fazer um sucessor no governo.

Cabral quer chegar a Brasília, mas não revela isso. Nem fala em reeleição para o governo do Rio. Seria precipitação. O que está mais nítida, no entanto, é sua ligação com Lula. Além da amizade, há uma reciprocidade de interesse político. Lula sabe que, quanto mais se aproximar do governador, mais contribui para enterrar as pretensões do rival Anthony Garotinho – o novo desafeto de Cabral. Ciente disso, o governador posa de articulador político para ganhar apoio em nível nacional. Quanto mais perto de Lula, maior seu poder de diálogo com outros governadores e maior sua exposição na mídia.

O trato tem dado certo, e aumentam as chances de Cabral

ser o escolhido de Lula. O próprio presidente já admite que seu candidato em 2010 pode ser um quadro do PMDB.

– Eles mantêm excelente entendimento, e isso está sendo aprofundado – revela um amigo do governador.

Fato incontestável é que o presidente Lula tem procurado ficar mais com Cabral. Seria um teste. O presidente não tem um sucessor dentro do PT. Jaques Wagner, o nome que desponta

Lula quer ficar mais perto de Cabral e aniquilar o sonho de Garotinho se candidatar em 2010

na legenda quando se fala em 2010, acaba de assumir o governo da Bahia e deve tentar a reeleição, motivado pelo mesmo problema de Lula: o PT baiano não tem um quadro tão forte como Wagner, e ele seria obrigado a disputar o governo para evitar a volta dos carlistas. Marta Suplicy ainda será testada à frente do Ministério do Turismo. O ex-ministro Ciro Gomes (PSB) não tem o perfil conciliador que o presidente quer – o que sobra em Sérgio Cabral. Pesa ainda a favor do ca-

rioca o currículo parlamentar, o trânsito em todos os partidos – conquistado no Congresso – e o bom diálogo com governadores. Ele se enquadra no projeto de Lula para manter o PT no poder: lançar uma chapa com o PMDB, abrindo mão do candidato. Caberia aos aliados indicarem o nome, mas com a aprovação do presidente, que pode convidar o governador. Por isso, “Cabral balançará”, diz um político aliado.

Sérgio Cabral sabe que o governo do Rio dá maior visibilidade ao caminho para o Planalto. Sede de parte da grande mídia e termômetro das manifestações sociais do país, o Estado é palco para as decisões que podem lhe consolidar a chegada à Presidência. Daí Cabral ter iniciado um discurso ousado, abordando temas que rendem repercussão nacional. Lançou o debate sobre a maior autonomia legislativa dos Estados, a descriminação dos usuários de drogas, o controle de natalidade, a legalização dos bingos e do jogo do bicho e o mais polêmico: a legalização do aborto, para certos casos. Quem o conhece, sabe que pode lucrar com as idéias. Se candidato, Cabral vai jogar as cartas na mesa, e lembrar que foi o pioneiro no debate. E vai capitalizar isso em votos.

■ O marketing do frangeiro camarada

Sérgio Cabral adotou o marketing de frangeiro amigo para conquistar a simpatia de aliados. Não é de hoje que gosta de agradar os donos do poder, principalmente nos gramados. Cena parecida com o pênalti batido por Lula no Maracanã, com Cabral no gol, aconteceu em agosto de 2002.

Em campanha para o Senado, Cabral recepcionou o aliado (na época) José Serra, candidato à Presidência pelo PSDB, na Vila Olímpica da Mangueira. Cabral o desafiou a cobrar um pênalti. Serra bateu dois. Um para fora. O outro entrou. Nos dois, o goleiro camarada deixou a bola passar. Com Lula, há duas semanas, não foi diferente. Diante de um Maracanã vazio, a pequena platéia viu o governador deixar o presidente marcar. De três tentativas, Lula fez dois gols e chutou uma bola na trave.

EVANDRO TEIXEIRA - 7/3/2007



Cabral (de costas) não alcança a bola chutada por Lula...

ANA PAULA AMORIM - 10/8/2002



...a exemplo do que aconteceu em 2002, com José Serra

para suceder Lula à Presidência, caso o PT não consiga emplacar um nome com carisma

manga para 2010

19 MAR 2007

ARQUIVO



Com Lula, durante o segundo turno da campanha. Desde então, ficaram mais próximos. Numa viagem no Aerolula, os dois tiveram uma conversa reservada: "Não repita os meus erros para não se arrepender lá na frente", disse Lula, sobre a escolha da equipe de Cabral no Rio.

Propostas audaciosas

Descriminação do usuário de drogas

Como senador, já defendia a idéia, o que o coloca em colisão com setores conservadores. Mas ganha a simpatia dos liberais.

Legalização do aborto

Ponto mais polêmico defendido por Cabral. Católico, o governador ressalta que o Estado é laico, mas compra briga grande com a Igreja.

Controle de natalidade

Investe em campanhas sobre vasectomia e contra a gravidez precoce. Medidas que o aproximam das classes C e D.

Legalização dos bingos e jogo do bicho

Outro ponto polêmico, que rende tanto críticas quanto apoio.

Autonomia para os Estados

A liberdade para legislar de acordo com a realidade de cada Estado fez Cabral ganhar a simpatia dos governadores e ganhar destaque nacional.

■ O vice dos sonhos de Aécio Neves

Sérgio Cabral tornou-se a noiva da vez. É tratado com pompas pelo presidente da República, que vê nele uma saída política para o PT em 2010. E bajulado pelo governador de Minas, Aécio Neves (PSDB). Daqui a quatro anos, o tucano almeja ser o candidato lançado pelo PSDB ao Planalto. Antes, porém, terá de vencer José Serra dentro do partido. Alheio a isso, Aécio já revelou um desejo a Cabral, seu amigo de longa data: quer o carioca ao seu lado.

— Cabral é o vice dos meus sonhos — repete Aécio aos amigos, no Palácio da Liberdade, sede do governo de Minas.

Aécio tem mostrado que vai entrar na disputa com Lula por Cabral. Agenda encontros todos os meses com o governador e recebe a visita do amigo em Belo Horizonte. Esta semana, vão juntos para a Colômbia. Cabral pode aceitar ou não o convite do tucano, mas tem outra saída. Já revelou um plano a um interlocutor, antes da vitória na eleição do ano passado. Perguntado se um mandato no Rio seria suficiente, rebateu logo:

— Só quatro anos não quero.

O projeto de Cabral é ficar oito anos no governo. Assim, pretende enriquecer o currículo po-

lítico. Em 2010, no entanto, pode se deparar com duas situações: surge como candidato de Lula ou, caso contrário, apóia Aécio à Presidência, na condição de governador do Rio ou até como vice dele.

A trajetória política do governador carioca mostra que Cabral não precisa de padrinhos. Ele mesmo enfatiza isso. Portanto, ao liderar um movimento dos governadores do Sudeste para levar reivindicações a Lula, pretende mostrar ao presidente e aos eleitores que tem o estilo conciliatório e poder de convencimento. Até agora, se deu bem. Só não lucrou ao unir os governadores do PMDB em torno da candidatura de Nelson Jobim à presidência do partido.

CARLOS MAGNO - 9/1/2007



O líder: Cabral iniciou um movimento para unir governadores em torno de causas comuns

■ Ato falho revela ambição

Em 2002, durante a campanha para o Senado, Sérgio Cabral cometeu um ato falho que revelou seu projeto político. Em discurso de apoio a Solange Amaral (PFL) para o governo do Rio, escorregou no agradecimento.

— Mesmo com um pé fraturado, a Solange me ajudou na campanha para presidente da República, ou melhor, da Assembleia Legislativa — corrigiu-se Cabral (provocando risos), referindo-se à época em que ele e Solange eram deputados estaduais.

Paulo Duque, suplente que ocupou a vaga de Cabral no Senado este ano, considera que as posições ousadas sobre temas polêmicos podem lhe render relevância nacional.

A maior autonomia legislativa para os Estados, defendida pelo governador carioca, ganhou a simpatia dos colegas em todo o país. O debate é válido, diz o senador aliado Francisco Dornelles (PP-RJ):

— A proposta é coerente com a reforma dos Estados brasileiros. Deve haver um debate sobre a descentralização administrativa.